Revista Contexto Geográfico

ISSN: 2595-7236

Artigo | *Article*

O lugar: encontrando o futuro[1]

Milton Santos

DA METÁFORA AO CONCEITO: A IDÉIA DE REGIÃO E LUGAR

A literatura do pós-modernismo é plena de metáforas geográficas. Era, também essa, uma moda nos anos 60 e 70, na escrita dos filósofos: um Althusser, por exemplo, com as regiões da sociedade (no sentido de instâncias), ou um Piaget, com as epistemologias regionais. Hoje, porém, pós-modernistas de toda obediência se valem das palavras do nosso métier para sugerir, com base na aceleração contemporânea, que o espaço não existe, a região não existe, e o lugar também não existe mais. Daí se falar de desvalorização do território (Badie e Smouts, 1992; Margolin, 1991), de desterritorialização (Chesneaux, 1989; Steiner; Ianni, 1993), de banalização e homogeneização (Oliveira, 1977), de precedência do tempo sobre o lugar (Virilio, 1984), de heterotopia (Lacan, Foucault), de esvaziamento do tempo como condição para o esvaziamento do lugar (Giddens, 1991).

Mas, que dizer, por exemplo, de Michael Jackson? Segundo o seu manager Michel Avram, falando em outubro de 1993 a um jornal de São Paulo, o mais pós-moderno dos pop stars globalizados "não se lembra da América do Sul. Ele pensava que Caracas era na Jamaica" (Folha de S. Paulo, 9/10/1993). No hotel cosmopolita onde lhe teria despertado esta idéia, um dos integrantes da equipe trajava camiseta com os seguintes dizeres: *"Meu trabalho é tão secreto que nem eu sei o que estou fazendo"*.

Já que os geógrafos são algumas vezes acusados de semelhante alienação, é cada vez mais urgente a preocupação de produzir, aperfeiçoar, renovar conceitos, de modo a sempre sabermos o que vamos fazer... em Caracas, na Jamaica, ou em qualquer outro lugar...

[1] Texto publicado originalmente na Revista de Arquitetura e Urbanismo – Rua, Bahia, v.4, n.1, p. 34-39, 1996.

https://doi.org/10.28998/contegeo.11i.11.22052

Submetido em: 10/10/2026
Aceito em: 30/10/2026
Publicado: 18/11/2026

Artigo publicado sob a Licença *Creative Commons* 4.0

As metáforas atingem a consciência, mas elas, de modo geral, estão longe de fornecer os instrumentos de análise da realidade. Quando Heinrich Heine exclamava, em 1848, diante do milagre das estradas de ferro, que *"o espaço não existe mais"* ele antecipava outras tantas imagens provocadas pelo progresso técnico neste século e meio. Naquele tempo, a geografia apenas forjava suas armas, ainda não ostentava direitos de cidade. Hoje, nós sabemos que os conceitos devem esposar o seu tempo para se tornarem operacionais e, para isso, a inspiração é a história do presente.

No passado distante, a região fora um sinônimo de territorialidade absoluta de um grupo, com as suas características de identidade, exclusividade e limites dada a presença única desse grupo, sem outra mediação. A diferença entre áreas se devia a essa relação direta com o entorno. Hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam, e o número de mediações é muito grande. As regiões se tornaram lugares funcionais do todo, espaços de conveniência. Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas na forma e no conteúdo das regiões.

Acostumamo-nos a uma idéia de região como um subespaço longamente elaborado, uma construção estável. Mas o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não. O fato de ter vida curta não muda a definição do recorte territorial.

Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização. No presente período histórico, a própria tecnologia "é implosiva nos seus efeitos" (Schon, 1973:24-25). E o tempo acelerado, acentuando a diferenciação dos eventos, aumenta a diferenciação entre os lugares, enquanto o fenômeno da região ganha universalidade. Estendendo-se sobre todo o ecúmeno, tende a redividi-lo por completo.

OS EVENTOS E O PROCESSO ESPACIAL: O ACONTECER SOLIDÁRIO

Agora a unidade dos eventos sobre a face da Terra pode ser empiricamente constatada com o fenômeno de globalização, torna-se mais fácil verificar o papel do processo histórico na reelaboração regional.

Comecemos por admitir que o planeta, como entidade material e humana, é uma totalidade e que, em cada um dos seus momentos, a história também é uma totalidade. Ambos, então, planeta e história seriam realidades que permanentemente se transformam, para tornar-se, outra vez, planeta e história, ou, parafraseando Sartre, totalidades em permanente processo de totalização.

A divisão internacional do trabalho pode ser considerada a energia desse movimento. Com a aceleração a que assistimos, produto da evolução concomitante da ciência, da técnica e da informação, os chamados “momentos” da divisão do trabalho se tornaram muito mais numerosos. A cada momento, é como se a totalidade se estivesse cindindo, para reconstituir-se no momento seguinte, quando uma nova cisão renova o movimento.

Não distinguiríamos entre unidade e diversidade se não soubéssemos que a unidade é o próprio do planeta e da história e a diversidade é o próprio dos lugares. Muda o mundo, e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. **O lugar, aliás, se define como funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.**

Um subespaço é uma área contínua do acontecer homólogo ou complementar, do acontecer paralelo ou hierárquico. Em todos esses casos, trata-se de um acontecer solidário, que define um subespaço, região ou lugar. A noção, aqui, de solidariedade, é aquela encontrada em Durkheim e não tem conotação ética ou emocional. Trata-se de chamar a atenção para a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum.

Numa região agrícola, esse acontecer solidário é homólogo. Nas relações entre a cidade e o campo, ele é complementar, como, também, nas relações interurbanas. Mas, numa mesma cidade, dominada por uma mesma produção industrial, como, até bem pouco tempo, os calçados para crianças de Birigüi, Estado de São Paulo, é possível identificar esse acontecer homólogo. E há, também, o acontecer hierárquico, resultante das ordens e da informação provenientes de um lugar e realizando-se, como trabalho, em um outro. É a outra cara do sistema urbano. Não que haja um lugar comandando um outro, senão como metáfora. Mas os limites à escolha de comportamentos num lugar pode se dever aos interesses sediados em um outro.

Tanto o acontecer homólogo quanto o acontecer complementar supõem uma extensão contínua, na cidade e no campo, a contigüidade sendo o fundamento da solidariedade. Já no caso do acontecer hierárquico, as relações podem ser pontuais. Aqui, a solidariedade independe da contigüidade. É a diferença entre proximidade espacial e proximidade organizacional (Gille, 1987).

No primeiro caso, a co-presença é uma causa ou um efeito da ação. No segundo, trata-se de teleação (Moles, 1974), aquela presença de corpos ausentes, para utilizar uma imagem do poeta Paul Valéry. No primeiro caso, cria-se o que estou chamando de **horizontalidades** e, no segundo caso, o que chamamos de **verticalidades**. Estes são os novos recortes territoriais na era da globalização.

A territorialidade do acontecer histórico está sempre mudando, levando à criação e à recriação daquilo a que Hagerstrand, num dos capítulos esparsos de sua *Geografia do Tempo*, chama de “domínios”. Em cada momento, há sempre um mosaico de subespaços cobrindo inteiramente a superfície da Terra, e cujo desenho é fornecido pelo curso da história: a escala deixa de ser uma noção geométrica para ser condicionada pelo tempo.

A distinção entre lugar e região passa a ser menos relevante do que antes, quando se trabalhava com uma concepção hierárquica e geométrica do espaço geográfico. Por isso, a região pode ser considerada como um lugar, desde que a regra da unidade e da contigüidade do acontecer histórico se verifique. E os lugares – veja-se o exemplo das cidades grandes – também podem ser regiões. Tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais da evolução, onde o tempo empiricizado entra como condição de **possibilidade** e a entidade geográfica como condição de **oportunidade**. A cada temporalização prática corresponde uma espacialização prática, que desrespeita as solidariedades e os limites anteriores e cria novos.

O LUGAR E SUA CONSTITUIÇÃO

O espaço geográfico é formado por sistemas de objetos e sistemas de ações, um conjunto indissociável (Santos, 1994). Cada subespaço inclui uma fração desses sistemas, cuja totalidade é o mundo.

Cada subespaço se define conjuntamente por uma tecnoesfera e uma psicoesfera, funcionando de modo unitário. A tecnoesfera é o mundo dos objetos, a psicoesfera é a esfera da ação. Os objetos, naturais ou artificiais, são híbridos – no sentido proposto por Latour (1991) e Gras (1993) – já que não têm existência real, valorativa, sem as ações. Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional. É assim que os subespaços existem e se diferenciam uns dos outros.

Os espaços da globalização (Santos, 1993) a que estou chamando de meio técnico-científico-informacional apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo informacional, de conteúdo comunicacional. Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram, mas não se confundem.

A **densidade técnica** é dada pelos diversos graus de artifício. As situações limite seriam, de um lado, uma área natural jamais tocada pelo homem e, de outro lado, uma área onde haja apenas aquilo a que Simondon (1958) chamou de objeto técnico maduro, como o centro de negócios de uma grande cidade, espaços inteligentes dispostos a atender prontamente às intenções dos que o conceberam e produziram, muito mais perfeitos que a própria natureza.

A **densidade informacional** deriva, em parte, da densidade técnica. Os objetos técnicos, ricos, portanto, em informações, podem, todavia, não ser "agidos", permanecendo em repouso ou inatividade, à espera de um ator. A informação se perfaz com a ação. Quando, porém, é unívoca, é uma informação obediente às regras do ator e introduz, no espaço, uma intervenção vertical, que geralmente ignora o entorno, posta a serviço de quem tem os bastões de comando. A densidade informacional nos informa sobre os graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão, privilegiando setores e atores.

A **densidade comunicacional** resulta daqui a que Berget chamava de *"caráter humano do tempo da ação"*, já que o evento pode ser visto como práxis intersubjetiva (Petit, 1991:31-38) ou transindividual (Simondon, *op.cit*.:248). Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença. Como lugar do acontecer solidário, homólogo ou complementar, o lugar é esse espaço banal da geografia (e não o espaço do economista, ou do antropólogo, do psicanalista, ou, mesmo, do

arquiteto ou do filósofo), criador da solidariedade e da interdependência obrigatória geradas pelas situações cara a cara de que fala Schutz, pois é essencial para esse resultado que *"você e eu tenhamos o mesmo entorno"* já que *"somente nessa situação [...] posso assumir, com maior ou menos certeza, dentro da realidade diretamente vivida (experimentada) que a mesa que estou vendo é a mesma, e a mesma em todas suas situações perspectivas"* (Schutz, 1967:60).

As relações comunicacionais têm, pois, mais que as outras, um "geographic flavour", um "bouquet géographique", pois são geradas no lugar e apenas no lugar, a despeito da origem, por acaso distante, dos objetos, dos homens e das ordens que os movem. As relações informacionais são verticais: as relações comunicacionais são horizontais. As relações informacionais podem ser "indiferentes" em relação ao meio social ambiente. As relações comunicacionais são uma resultante do meio social ambiente. As primeiras são mais dependentes da tecnoesfera, as segundas o são mais da psicoesfera. Isto não quer dizer que tecnoesfera e psicoesfera não interajam; estamos, apenas, exercendo um exagero do discurso analítico. De todo modo e nas condições atuais, as relações informacionais transportam com elas o reino da necessidade, enquanto as relações comunicacionais podem apontar o reino da liberdade.

Sendo assim, e contrariamente a uma tese em vigor, a opulência dos lugares, para retomar um termo de Abraham Moles (*op.cit.*) escrevendo sobre a informação, não adviria de sua densidade técnica, mas de sua densidade humana. Haveria, então, lugares mais ou menos voltados ao presente e outros mais orientados ao futuro, aqueles onde a riqueza comunicacional é maior.

Que é, hoje, a consciência do lugar? Não nos embaracemos com esta questão, penúltima herança das idéias estabelecidas em um mundo quase imóvel. Hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar.

O LUGAR E SUA REDEFINIÇÃO FRENTE AO MUNDO

Detenhamo-nos, por um pouco, na análise de um dos aspectos essenciais da constituição atual do espaço. Refiro-me às redes. Sabemos que elas são, ao mesmo tempo, globais e locais. Globais elas o são, porque cobrem todo o ecúmeno e, na verdade, constituem o principal instrumento de unificação do planeta. Mas elas

também são locais, já que cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais. No lugar, elas presidem o trabalho e o capital (vivo) e determinam a sua natureza. Como nacionais ou mundiais, as redes presidem a divisão internacional do trabalho e determinam a natureza da cooperação. Como locais, as redes significam, sobretudo, a produção propriamente dita. Como globais, elas principalmente se referem às outras instâncias da produção: circulação, distribuição, consumo.

O trabalho das pessoas de uma área pode ser visto sob esse enfoque: o trabalho permitido e explicado por um dado **meio técnico** é, também, um trabalho direta ou indiretamente governado por uma regulação distante, cujos objetivos são setoriais, particularistas, exclusivos de uma só intenção. Tais regras, estranhas, se superpõem, desafiantes e desestruturantes, às normas localmente constituídas. E através do trabalho o homem acaba por descobrir essa dupla realidade, um caminho para a ampliação da consciência.

A primeira união das pessoas (nas zonas agrícolas modernas por exemplo) bem pode vir do interesse comum no resultado de uma produção localmente realizada. A busca da **produtividade econômica**, em um dado subespaço, pode concluir-se pelo encontro da **produtividade política**, com o reforço da solidariedade, já aqui em seu caráter emocional e ético.

Esse conflito entre trabalho particular e local e trabalho geral e global é a base de um choque entre a cultura objetiva, imposta de fora e obediente aos constrangimentos da produção direta, suas técnicas e normas, e a cultura subjetiva, inspirada de dentro de cada um por considerações mais amplas, cultura que é tanto maior e mais intensa quanto sejam maiores as possibilidades de ação comunicativa. Para Habermas, (1973:22) enquanto o “trabalho” é atividade racional em relação a um fim, a “atividade comunicacional” é interação mediada por símbolos. E, para Abraham Moles, a interação é *“a ação que intervém, modifica e perturba outras ações em curso, independentemente destas”* (Moles, *op.cit*.:100).

Nesse sentido, o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser vista como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua

existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, torna-se a nossa âncora.

Vivemos todos estes séculos acorrentados à idéia de que o passado seria o cimento das sociedades e o seu fio condutor para o porvir. Custa-nos, agora, admitir que esses papéis possam ser representados pelo futuro. E que sempre trabalhamos muito mais com a idéia de recursos do que com a idéia de projeto. Quem sabe, as fases precedentes da história não permitiam a realização de utopias. Mas, hoje, com o progresso científico e técnico e a empiricização da totalidade, o mundo nos garante que há várias formas possíveis – e viáveis – de construir futuros.

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao torna-se espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contato com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. Por isso, fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricouer (1986) chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. É esse o grande papel do lugar na produção da história, e aponta-lo é a grande tarefa dos estudiosos do espaço neste fim de século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIE, Bertrand et Marie-Claude Smours. *Le Retournement du Monde*, Sociologie de la Scène Internationale. Paris: Presses de La Fondation Nationale des Sciences Politiques – Dalloz, 1992.

CHESNEAUX, Jean. *Modernité-Monde*. Paris: La Découverte, 1989.

FOUCAULT, Michel. “Of Other Spaces”. *Diacritics*. v. 16, n. 1. Spring 1986. pp. 22-27.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GILLE, Laurent. “Les Réseaux Privés face aux Réseaux Intégrés Publics”. In: Réseaux Privés. *Actes des 9ème Journées Internationales de l'IDATE*. n. 30, nov. 1987. pp. 122-129.

GRAS, Alain. *Grandeur et Dépendance*. Sociologie des Macrosystèmes Techniques. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *La Technique et la Science comme “Ideologie”*. (1968). Paris: Gallimard, 1973.

IANNI, Octávio. “Nação e Globalização”. In: SANTOS, M. *et al. Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993. pp. 66-74.

LATOUR, Bruno. *Nous N'avons Jamais été Modernes*. Essai d'Anthropologie Symétrique. Paris: La Découverte, 1991.

MARGOLIN, Jean-Louis. “Maillage Mondial. Espaces Nationaux, Histoire”. *Espaces-Temps*. n. 45-46, 1991. pp. 95-102.

MOLES, Abraham. “Ecologie de L'action”. In: *Les Sciences de l'Action:* Théorie et Pratique. Paris: CEPL, 1974.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia de uma Re(li)gião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PETIT, Jean-Luc. “La Constitution de L'Événement Social”. In: PETIT, J. L. (dir.). *L'événement en perspective*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1991. pp. 9-38.

RICOEUR, Paul. *Du texte à L'action*. Essais d'Hermeneutique. Paris: Seuil, 1986.

SANTOS, Milton. Les espaces de la globalisation. *Séminaire Analyse du système-monde et de l'économie mondiale*. Paris: GEMDEV. 4 et 5 février 1993.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo*: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SCHON, Donald. *Beyond the Stable State*: Public and Private Learning in a Changing Society. (1971). Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

SCHUTZ, Alfred. *The Phenomenology of the Social World*. Evanston: Northwestern University Press, 1967.

SIMONDON, Gilbert. *Du Mode d'Existence des Objets Techniques*. Aubier-Montaigne, 1958.

VIRILIO, Paul. *L'Espace Critique*. Paris: Christian Bourgeois, 1984.